

A IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO NO AMBIENTE ESCOLAR: EXPERIÊNCIA VIVENCIADA DURANTE O ESTÁGIO DE PSICOLOGIA EM COLÉGIO PÚBLICO NA CIDADE DE ARAUCÁRIA, PARANÁ

Loren Camargo da Silva¹
Elaine de Faria Michele Silva²
Regina Maria Machado³
Diego da Silva⁴

RESUMO: Este relatório apresenta as experiências vivenciadas durante o estágio obrigatório em Psicologia Educacional, realizado em uma escola pública municipal de Araucária-PR, entre os dias 26 e 30 de maio de 2025. O estágio teve como foco a observação de turmas de educação infantil em salas de aula integrativas, compostas por crianças com e sem diagnóstico de transtornos do neurodesenvolvimento. A prática foi conduzida com base em critérios diagnósticos do DSM-5, com atenção especial a sinais de Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e possíveis quadros de esquizofrenia infantil. As observações foram realizadas de forma não participativa, utilizando instrumentos como diário de campo e fichas de observação, com o objetivo de analisar comportamentos sociais, emocionais e cognitivos, além da resposta institucional frente às demandas inclusivas. O estágio revelou tanto os desafios quanto as potencialidades do ambiente escolar no acolhimento de crianças neurodivergentes, destacando a importância da escuta sensível, do olhar atento e do papel mediador do psicólogo escolar. Foram observados casos específicos de alunos com e sem laudo clínico, evidenciando a diversidade dos perfis comportamentais dentro do espectro autista e a necessidade de estratégias de intervenção individualizadas. A experiência gerou reflexões profundas sobre a insegurança profissional no início da carreira, especialmente ao lidar com crianças com necessidades complexas. Reforçou-se a importância da formação continuada, da supervisão qualificada e da atuação interdisciplinar na construção de práticas eficazes e humanizadas. Por fim, o relatório apresenta orientações básicas sobre o início de tratamento psicológico com crianças com TEA, incluindo estratégias de avaliação, abordagens terapêuticas recomendadas (como ABA, TCC adaptada e Floor time) e materiais de apoio lúdico e visuais.

466

Palavras-Chave: Psicologia Educacional. Estágio Supervisionado. Transtorno do Espectro Autista. Inclusão Escolar. Neurodivergência. Observação em Sala de Aula. TDAH. Esquizofrenia Infantil. Intervenção Psicológica. Papel do Psicólogo Escolar. Educação Infantil. DSM-5. Estratégias de Inclusão.

¹ Aluna do curso de Psicologia da UniEnsino.

² Docente do curso de Psicologia da UniEnsino.

³ Coordenadora e Docente do curso de Psicologia da UniEnsino.

⁴ Docente do curso de Psicologia da UniEnsino.

INTRODUÇÃO

Este relatório tem como finalidade apresentar, de forma detalhada, as experiências vivenciadas durante o estágio obrigatório em Psicologia Educacional.

A psicologia educacional é um componente essencial do processo de formação acadêmica de muitos centros urbanos brasileiros no que tange à inclusão escolar e à diversidade de necessidades educacionais.

A atuação do estágio concentrou-se na observação de quatro salas de aula da educação infantil, de caráter integrativo, compostas por crianças com e sem diagnóstico formal de transtornos do neurodesenvolvimento.

Tais observações foram norteadas pelos critérios diagnósticos descritos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 (APA, 2013).

A análise ocorreu com atenção aos sinais de Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e possíveis indícios de quadros psicopatológicos como a esquizofrenia infantil.

A proposta pedagógica do estágio visava não apenas a identificação de comportamentos atípicos ou desafios de aprendizagem, mas também a análise crítica da resposta institucional diante dessas demandas. 467

Assim, procurou-se compreender como o ambiente escolar, incluindo equipe pedagógica, estrutura física e recursos humanos, se posiciona frente à inclusão de alunos com necessidades especiais.

As reflexões foram enriquecidas pela observação de um caso específico de uma aluna que, embora sem diagnóstico clínico formal, apresentava fortes indícios de um possível transtorno de desenvolvimento, o que instigou questionamentos sobre os procedimentos de triagem, encaminhamento e acolhimento no contexto escolar.

Esse processo proporcionou uma vivência concreta da realidade educacional, expondo tanto as potencialidades quanto as fragilidades da escola pública frente aos desafios contemporâneos da educação inclusiva.

O papel do psicólogo escolar emergiu, assim, como peça-chave na mediação das relações escolares, no suporte à equipe pedagógica e na construção de estratégias de prevenção e intervenção voltadas ao bem-estar e ao desenvolvimento integral.

As atividades de estágio foram realizadas em uma escola pública municipal localizada

na cidade de Araucária – PR, abrangendo um contexto educacional que reflete a realidade das crianças brasileiras neurodivergentes.

I. DESCRIÇÃO GERAL DAS PRÁTICAS REALIZADAS

O estágio de observação foi realizado entre os dias 26 e 30 de maio de 2025, no período da manhã, das 07h30 às 11h30, em uma escola pública municipal que adota o modelo de salas integrativas de ensino.

As turmas observadas eram compostas por crianças com idade entre 6 e 7 anos, abrangendo tanto alunos com desenvolvimento típico quanto aqueles com necessidades educacionais especiais, incluindo casos com diagnóstico formal de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outros com sinais de possível transtorno do neurodesenvolvimento ainda não confirmados.

A observação se concentrou especialmente em salas de inclusão, nas quais a diversidade comportamental e cognitiva exigia dos educadores posturas pedagógicas diferenciadas, adaptadas às múltiplas demandas do ambiente escolar. As atividades foram acompanhadas de forma não participativa, com foco em registros objetivos de comportamentos, interações sociais, comunicação verbal e não verbal, participação nas atividades pedagógicas e respostas emocionais às rotinas escolares.

Durante esse período, foram utilizados instrumentos técnicos da psicologia educacional, como o diário de campo e fichas de observação, visando a coleta sistemática de dados sobre o funcionamento das turmas e o comportamento individual de alunos com características atípicas.

A escolha dos horários e a constância na presença diária contribuíram para o aprofundamento das análises e possibilitaram observar padrões de comportamento ao longo da semana.

A pontualidade, o compromisso ético e a postura de respeito diante da equipe pedagógica e dos alunos foram mantidas com rigor, compreendendo que a escola, ao permitir a presença do estagiário, contribui diretamente para sua formação profissional.

Esse engajamento reforça a responsabilidade do futuro psicólogo com o ambiente escolar e com o processo de inclusão, mostrando a importância do olhar atento, da escuta sensível e da construção de vínculos respeitosos no contexto educacional.

2. GERAL

Observar e analisar o comportamento de crianças com possíveis transtornos ou distúrbios de aprendizagem e do desenvolvimento em sala de aula integrativa na educação infantil pública.

3. ESPECÍFICOS

- Observar interações sociais, emocionais e comportamentais das crianças. Analisar o ambiente escolar e sua adequação às demandas de inclusão.
- Refletir sobre o papel do psicólogo escolar e os entraves institucionais existentes.
- Documentar casos específicos relevantes ao campo da psicologia educacional.

A experiência no estágio de observação em psicologia dentro de uma escola foi incrivelmente valiosa e cheia de descobertas. Ter a chance de ver de perto como as pessoas se relacionam, as características únicas de cada criança e os detalhes do dia a dia escolar me ajudou muito a entender o que um psicólogo faz nesse ambiente.

Os dias foram de observação intensa da rotina da escola. Participei de aulas, vi atividades de lazer e acompanhei as interações entre alunos e professores. A cada momento, novas perguntas surgiam: quais obstáculos os alunos enfrentam? Como os professores lidam com as diferenças? Qual a função da escola em cuidar do lado emocional dos estudantes? Observar as turmas me permitiu notar as especificidades de cada etapa do desenvolvimento. Na educação infantil, ficou clara a importância de brincar e da interação social, enquanto no ensino fundamental, a autoestima e o desempenho acadêmico se tornaram

mais relevantes.

A conversa com os professores foi essencial para entender o ponto de vista deles e os desafios que enfrentam. Percebi como é importante se comunicar de forma clara e com empatia para construir uma relação de confiança e parceria.

O estágio também trouxe obstáculos. A necessidade de unir o que aprendi na teoria com a prática, a complexidade das relações humanas e a variedade de contextos escolares exigem que eu esteja sempre me aprimorando. Mas cada dificuldade superada foi uma oportunidade de crescer e me desenvolver.

Aprendi a importância de ouvir com atenção, observar de forma organizada e analisar as situações criticamente. Entendi que o trabalho do psicólogo escolar vai além de atender individualmente, incluindo também a criação de um ambiente escolar acolhedor e a prevenção de problemas emocionais.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste relatório apoia-se nos critérios diagnósticos do DSM-5, com ênfase nos transtornos do espectro autista (TEA), TDAH, e outros transtornos disruptivos. Além disso, é essencial considerar os conceitos da Psicologia Escolar e Educacional, com autores como Rubem Alves, Vygotsky, e Libâneo para tratar das interações sociais e do papel da escola como promotora de desenvolvimento humano.

A legislação brasileira, como a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e a LDB (Lei nº 9.394/1996) também fundamentam a importância da inclusão e da presença de profissionais da psicologia na escola.

5. METODOLOGIA

As observações ocorreram de forma não participativa, em horários definidos junto à coordenação pedagógica da escola. Foram feitas anotações in loco com base em instrumentos próprios da psicologia escolar como diário de campo e fichas de observação comportamental. O foco principal foi uma aluna do sexo feminino, com comportamentos atípicos que suscitam discussão clínica e institucional.

470

6. DESCRIÇÃO DA REALIDADE ESCOLAR

A escola observada atende majoritariamente crianças em situação de vulnerabilidade social. Em diversas visitas, foi possível constatar deficiências na estrutura física, pedagógica e alimentar da instituição. Uma das observações mais alarmantes foi a oferta de alimentação inadequada: pão com margarina pela manhã e alimentos crus em outros horários, demonstrando descaso com as necessidades nutricionais das crianças.

Foi relatado pela direção e professoras que a escola solicitou, em caráter emergencial, psicólogos estagiários para acompanhamento das crianças. Houve demora significativa da Secretaria de Educação em autorizar os estágios, alegando que a Procuradoria Geral do

Município ainda não havia publicado tal autorização.

Esta morosidade prejudica tanto a formação dos estagiários quanto o acolhimento adequado às crianças com transtornos de aprendizado e psicológicos.

7. ESTUDO DE CASO: ALUNA COM COMPORTAMENTO ATÍPICO - SEM LAUDO

Durante o estágio, uma criança em especial chamou a atenção. A aluna demonstrava ausência de interação com os colegas, mantinha o olhar fixo para o vazio por longos períodos e carregava constantemente um chaveiro de cachorrinho, do qual parecia ter um forte apego emocional.

Em momentos em que a professora se deslocava para escrever no quadro, a criança apresentava sinais de desregulação emocional — inquietação, choro, ou corrida repentina até a professora auxiliar, em busca de segurança.

Esse comportamento consistente sugere possíveis traços compatíveis com algum transtorno do espectro autista, ou até mesmo manifestações iniciais de um quadro mais complexo de esquizofrenia.

8. ESTUDO ALUNOS - COM LAUDO DE TEA

471

Durante o acompanhamento das crianças nas salas, as professoras informaram quais alunos apresentavam laudo de TEA - transtorno do espectro autista.

Dois meninos de uma das salas apresentaram comportamentos opostos evidenciando a importância do acompanhamento de equipe multidisciplinar para auxiliar na interação, no aprendizado, e consequentemente na qualidade de vida das crianças.

O João (nome fictício) demonstrou excesso de inquietação e ansiedade. Verbalizou no primeiro dia de estágio: “Tia sabia que eu sou autista?”.

Ao observá-lo notei que não desvia o olhar ao falar. Mostrou excelente interação com os colegas, respeitou as professoras nas solicitações para guardar os brinquedos, fazer as filas nas refeições, permanecer sentado para chamada e nas explicações no quadro.

Notei que durante a explicação da professora sobre os dias da semana, os números de alunos presentes na sala, identificação da quantidade de meninas e meninos, e dos colegas que faltaram aula mostrou-se muito participativo.

Em contrapartida, Lucas (nome fictício), apresentou comportamento de introversão e hiperfoco ao montar as peças do lego.

Ao ser solicitado para guardar os brinquedos não atendeu ao comando imediatamente, quando efetivamente entendeu, permaneceu sentado e desmontou todas as peças para então guardá-los na caixa.

Quando estava guardando os brinquedos dois colegas ajudaram para que terminasse mais rápido. O auxílio dos amigos não partiu dele, o que comprova a dificuldade de interação social.

No refeitório permaneceu sentado na mesa sem interação, não expressava a vontade de comer. A professora levou até ele o pão para que pudesse se alimentar, ou seja, se a professora não levasse o pão até ele, provavelmente ficaria sem comer. Não olhava nos olhos, não tinha problemas de fala, mas raramente falava.

9. TRASTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) – DSM-5

O DSM-5 classifica o TEA dentro dos Transtornos do Neurodesenvolvimento, e seus critérios de diagnósticos são divididos em dois grandes domínios:

- **Deficiências persistentes na comunicação e na interação social, manifestados em:** Deficiências na reciprocidade socioemocional, como dificuldade em iniciar ou manter interações sociais e conversas. Deficiências nos comportamentos comunicativos não verbais, como contato visual, expressões faciais e linguagem corporal. Deficiências no desenvolvimento, manutenção e compreensão de relacionamentos, como dificuldade em ajustar comportamentos a diferentes contextos sociais, fazer amigos ou ausência de interesse por outras pessoas.
- **Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, incluindo pelo menos dois dos seguintes:** Movimentos motores, uso de objetos ou fala repetitivos (ex.: ecolalia, alinhamento de brinquedos). Insistência em mesmice, adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados. Interesses fixos e intensos anormais em foco ou intensidade. Hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais (ex.: reações extremas a sons, texturas, luzes).
- **Critérios adicionais:** Os sintomas devem estar presentes desde o início do desenvolvimento (mas podem não se manifestar plenamente até que as demandas sociais superem as capacidades limitadas). Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, ocupacional ou em outras áreas importantes.

Não são mais bem explicados por deficiência intelectual isolada ou atraso global do desenvolvimento (pode ocorrer com deficiência intelectual, mas os déficits sociais devem ser maiores do que o esperado para o nível de desenvolvimento).

io. ESQUIZOFRENIA INFANTIL – DSM-5

Embora o DSM-5 não use o termo “esquizofrenia infantil”, ele reconhece que a esquizofrenia pode surgir na infância (geralmente após os 7 anos). Os critérios são os mesmos da esquizofrenia em adultos, com nuances na apresentação infantil

- **Critérios principais: (dois ou mais, por pelo menos 1 mês):**
 - Delírios;
 - Alucinações (frequentemente auditivas nas crianças, como ouvir vozes);
 - Discurso desorganizado (ex.: fala incoerente ou dificuldade de manter o raciocínio);
 - Comportamento grosseiramente desorganizado ou catatônico;
 - Sintomas negativos (ex.: embotamento afetivo, alogia - empobrecimento da fala, avolução - perda de motivação).
- **Outros critérios:**
 - Os sintomas persistem por pelo menos 6 meses, com pelo menos 1 mês de sintomas ativos.
 - Causa prejuízo significativo no funcionamento social, escolar ou ocupacional.
 - O quadro não é decorrente de transtorno esquizoafetivo, transtorno bipolar, uso de substâncias ou outra condição médica.
 - Em crianças, pode haver atrasos cognitivos, déficits na linguagem, comportamentos regressivos, e dificuldade em distinguir realidade de fantasia

473

ii. O TRATAMENTO DE TEA INFANTIL

Intervenções precoces baseadas em ABA (Análise do Comportamento Aplicada). Terapia ocupacional e fonoaudiologia para melhorar habilidades sociais e de

Apoio psicopedagógico individualizado.

Criação de planos educacionais individualizados (PEI) com metas claras e acompanhamento contínuo.

Capacitação continuada dos professores para identificação e manejo de comportamentos associados ao autismo.

12. O TRATAMENTO DE ESQUIZOFRENIA INFANTIL

- Diagnóstico psiquiátrico precoce com acompanhamento contínuo.
- Uso de medicamentos antipsicóticos sob prescrição e acompanhamento médico.
- Terapia cognitivo-comportamental adaptada para crianças.
- Envolvimento da família no tratamento, com orientação e apoio psicológico.
- Atendimento interdisciplinar envolvendo psicólogos, psiquiatras, pedagogos e assistentes sociais.

13. ANÁLISE CRÍTICA DO CONTEXTO ESCOLAR E INSTITUCIONAL

A realidade observada evidencia uma série de desafios para a inclusão efetiva de crianças com necessidades específicas. A falta de profissionais especializados, como psicólogos e psicopedagogos, dificulta o acompanhamento e a intervenção adequada em situações de sofrimento psíquico e transtornos do neurodesenvolvimento.

Grande parte dos pais não conseguem custear o tratamento médico e psicoterapêutico. Ao recorrer ao SUS - Sistema Único de Saúde, sofrem pela espera do tratamento gratuito, e quando conseguem os horários conflitam com o de trabalho.

As condições alimentares e a estrutura institucional precária são reflexo de uma negligência que afeta diretamente o desenvolvimento e o bem-estar das crianças. Além disso, a morosidade burocrática para liberação de estágios – inclusive não remunerados – revela um descompasso entre a demanda real das escolas e a capacidade de resposta da gestão pública.

14. REFLEXÃO SOBRE A INSEGURANÇA PROFISSIONAL AO ATUAR COM CRIANÇAS NEURODIVERGENTES

Durante meu estágio em uma escola inclusiva, onde pude observar e acompanhar de perto crianças neurodivergentes, fui tomada por uma profunda inquietação.

Encarar de frente a realidade dessas crianças – algumas com o olhar vago, outras com

intensas desregulações emocionais, e muitas com uma aparente ausência de interação – foi, para mim, um momento de choque e de desconstrução.

Ao final de cada dia, uma pergunta ecoava em minha mente: como vou conseguir ajudar essas crianças? Senti-me despreparada, pequena diante da complexidade que se apresentava à minha frente. A formação teórica, embora importante, pareceu insuficiente diante das múltiplas demandas emocionais, comportamentais e sociais que essas crianças trazem.

Não foi apenas o comportamento das crianças que me impactou, mas também a constatação de que, mesmo com a melhor das intenções, sem preparo prático e conhecimento especializado, posso não oferecer o suporte que elas realmente precisam.

Essa insegurança me fez refletir sobre a responsabilidade ética e afetiva que a Psicologia Educacional carrega, especialmente quando se trata do público neurodivergente.

Percebi que não se trata apenas de “fazer o melhor que posso”, mas de me capacitar continuamente, de buscar supervisão, estudo e prática. Diante desse cenário, a pergunta que me persegue – por onde começar? – talvez encontre sua primeira resposta na humildade de reconhecer que ainda tenho muito a aprender. Entender que o processo de me tornar uma profissional capaz será gradual e que cada experiência, cada caso e cada troca com colegas e professores contribuirá para minha construção profissional.

Apesar do medo, essa vivência também despertou em mim um sentimento de compromisso. Eu quero entender melhor essas crianças. Quero saber como acolhê-las, como construir pontes onde hoje existem muros invisíveis. Sei que o caminho será desafiador, mas também sei que é nele que reside o verdadeiro propósito do meu trabalho: ser um instrumento de apoio e transformação para quem, tantas vezes, é incompreendido ou silenciado.

475

15. COMO INICIAR UM TRATAMENTO PSICOLÓGICO COM CRIANÇA COM TEA

- ENTREVISTA INICIAL E ANAMNESE:

Realizar entrevista com os responsáveis para compreender o histórico do desenvolvimento da criança (gravidez, parto, marcos do desenvolvimento, primeiras interações, linguagem, comportamentos repetitivos, interesses restritos etc.).

Investigar aspectos familiares, escolares e sociais.

Avaliar as expectativas dos pais com relação à terapia.

• OBSERVAÇÃO CLÍNICA:

Observar a criança em diferentes contextos (brincadeira, interação, tempo sozinho). Registrar comportamentos repetitivos, resposta a estímulos sensoriais, interação social, comunicação verbal e não verbal.

Se possível, realizar uma visita escolar ou peça relatos de professores.

• AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA:

Utilizar os instrumentos específicos. ADI-R (Entrevista para Diagnóstico de Autismo). CARS (Escala de Avaliação do Autismo Infantil). ABLLS-R, PEP-R (para avaliar habilidades adaptativas, cognitivas e sociais). Em alguns casos, testes projetivos ou lúdicos adaptados à criança.

16. INTERVENÇÕES RECOMENDADAS – TEA

• Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) Adaptada

Trabalha com a regulação emocional, flexibilidade cognitiva, diminuição de comportamentos - problema. Usa linguagem concreta, histórias sociais, quadros visuais.

476

• ABA (Análise do Comportamento Aplicada)

Técnica com forte evidência científica. Intervenção intensiva e estruturada baseada no reforço positivo. Trabalha aquisição de habilidades acadêmicas, sociais, comunicativas e de autonomia.

• Terapia do Brincar (Lúdica e Interativa)

Promove vínculo terapêutico. Estimula linguagem, interação social e expressão emocional

• Terapias baseadas em Desenvolvimento e Relacionamento

DIR/Floortime: foca em relações afetivas, interesses da criança e desenvolvimento emocional. O terapeuta entra no mundo da criança e promove interação de forma respeitosa e gradativa.

• Treinamento de Habilidades Sociais

Grupos ou sessões individuais com simulações de situações sociais. Uso de histórias sociais e jogos.

17. MATERIAIS TERAPÉUTICOS INDICADOS

Quadros de rotina visual (com imagens simples para organizar o dia). Cartas de emoções (trabalhar reconhecimento e nomeação). Histórias sociais (narrativas curtas que ensinam comportamentos apropriados). Jogos de tabuleiro simples e adaptados. Brinquedos sensoriais (massinhas, areia mágica, fidget toys). Espelhos (para trabalhar expressões faciais). Fichas de reforço positivo (como estrelas, carinhas felizes etc).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio de observação em psicologia escolar revelou a complexidade do ambiente escolar e a diversidade de desafios enfrentados por seus colaboradores. A demanda por atendimento psicológico é crescente, e a escassez de recursos e profissionais especializados representa um obstáculo significativo para a garantia do bem-estar emocional das crianças.

A observação das práticas pedagógicas e das relações interpessoais permitiu identificar a necessidade de um trabalho mais intensivo na formação de professores para lidar com questões emocionais e comportamentais em sala de aula. Além disso, a importância de programas de prevenção e promoção da saúde mental na escola se mostrou evidente.

A experiência do estágio também destacou a importância da pesquisa em psicologia escolar, visando o desenvolvimento de novas teorias e práticas para atender às demandas da atualidade. A produção de conhecimento científico é fundamental para embasar as intervenções psicológicas e para contribuir para a construção de políticas públicas mais eficazes. Diante dos desafios identificados, o estágio despertou o desejo de contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos estudantes e para a construção de escolas mais inclusivas e acolhedoras.

A atuação como psicólogo escolar exige um compromisso com a promoção do bem-estar emocional e social, e a busca por soluções inovadoras para os problemas enfrentados pela comunidade escolar.

O estágio de observação em Psicologia Escolar foi uma experiência transformadora. A oportunidade de vivenciar a prática profissional em um ambiente real me proporcionou um crescimento pessoal e profissional significativo. Os conhecimentos adquiridos durante o estágio serão fundamentais para minha atuação futura como psicóloga.

REFERÊNCIAS

LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.; VYGOTSKY, L.S. et al. *Psicologia e pedagogia: as bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento*. São Paulo, Moraes, 1991.

Livro

MARX, K. *Elementos fundamentales para la critica de la economía política (Grundrisse)*. 14.ed. México, Siglo Veinteuno, 1986.

VYGOTSKY, L.S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: *psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento*. São Paulo, Moraes, 1991. p.1-17.